



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO IX N.º 232 PREÇO 1300

Banco Espírito Santo

Continuando, sou a dizer que tive a doce ventura de ouvir da boca do Engenheiro senhor Almeida, no seu escritório, como as coisas se tinham dado. Foi numa reunião em Lisboa. Estavam os Grandes do Banco. Cada um recebera o *Gaiato* sublinhado, de muitos amigos do País. Era uma assembleia em cominhão. Resolveu-se creditar 120 contos na conta Património dos Pobres—Dez casitas.

Mais do que a mera sugestão do jornal; muito mais do que a adesão dos leitores, foi a bondade. Andou ali em cheio a Bondade dos Directores do Banco. Não fosse ela que nada havia resultado.

O director de um banco é um homem de pesadas responsabilidades. Ele é o custódio permanente dos bens que o público lhe confia. A falência de um banco é uma desgraça universal. Mais do que os negócios, atinge os lares. Hoje, parece que não é fácil, devido a medidas sérias e seguras, mas dantes era possível. Eu fui uma vitimasita. Mais. De uma vez, estava lendo junto de amigos, um diário de Bombaim, aonde vinha a notícia da falência de um banco. Antes de acabar a leitura, um dos presentes cai morto! Tinha lá as suas economias. Pesadas responsabilidades, sim.

Mas regressemos aos nossos dias. Ninguém tenha medo dos Bancos. E por eles, com eles, vamos erguer mais casas. Deixem-me pregar os pobres e os oprimidos. Quando o fiz em Fátima, Maio passado, não faltaram reparos. *Que não. Que ali não era lugar nem hora.* Ora isto é mera ignorância. O Papa, fez dos pobres e dos oprimidos a sua oração do Natal, tomando por bom o lugar e a hora. Não sejamos mais papistas do que Ele. Deixem-me pregar.

São muitos os bancos em Portugal. Até o primeiro é o de Portugal. A seguir os Emissores do Ultramar. Burnay e Fonecas, são dois grandes da capital, de que ora me estou lembrando; mas ele há mais. No Porto temos o Aliança, o Lisboa e Açores, o Pinto e Sotto Mayor, o Atlântico, o Borges, o Crédito, o Inglês e mais por aí fora. Não esperamos evidentemente o gesto do Espírito Santo. Este tem um título especial; é o Guarda dos bens dos Pobres. Como falir?! Mas uma casita de cada um isso sim. Isso esperamos. É tão pouco e vai fazer tanto! É a mortalha dum cigarro dos a quem pedimos e o Bem perene de famílias sucessivas, para os quais estamos pedindo. Uma de cada Banco, são umas doze casas dos Bancos portugueses. Doze mortalhas de um cigarro, dão uma herança rica, actual, inconcebível, a outras tantas famílias ao léu.

Isto não é um sonho. Não é um poema. Medite-se, compare-se e a verdade aparece.

Antão? Bã! Entre as palavras de encorajamento, amigas e familiares, dirigidas ao Banco Espírito Santo, eram aquelas duas, a lápis encarnado. Sabe-se que são de um *Tripeiro*. Quem mais diria *antão, bã?*

Pois bem; mais palavras. Mais lápis encarnado. Os senhores seringuem. Nós vamos fazer a paz. *Bã!* Nós temos de alimentar as feridas que se vêm abrindo no peito dos portugueses. Ora tenham a bondade de ver este golpe. E' um médico do Ribatejo:

«Da leitura do *Gaiato* veio-me uma maior sensibilidade para o pobre. E dei em ver aquilo que não via. E aconteceu ter de passar inúmeras vezes junto de uma barraca daquelas que vós tendes visitado. E de-me para pensar em conseguir abrigar aquela família numa casa «das tais». Como sou pobre, iria pedir. Dei conta da ideia a um amigo, católico são, e este aprovou a ideia. Venho pois pedir-vos o favor de enviar o regulamento das casas «património dos pobres» e perguntar-vos se poderei meter-me em trabalhos de modo a conseguir que aquela família de pais e 5 filhos e um cão deixe de viver num amontoado de tábuas velhas, onde dormem promiscuamente.»

Esta carta é uma das inúmeras que se recebem pela semana além. E' tudo sangue! Ora eu não quero que as feridas fechem. E' preciso alimentá-las com aquilo mesmo que as causou! *Dei em ver o que não via.* Eis.

UMA CARTA

Este número é o das grandes cartas. Leiam esta.

«O facto de me ter salvo a vida e de me ter salvo de graça, anima-me a vir agora pedir-lhe um novo favor: o de endossar ao P.º Américo o cheque que junto encontrará e que se destina à construção de mais uma casita para pobres.

Não pretendo, com isto, passar a seus olhos por pessoa generosa, mas tão somente associá-lo a uma dádiva que, em boa verdade, é bem mais sua do que minha.»

É de um professor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras de Lisboa, diri-

Saidos que fomos do Carlton Hotel naquele domingo de manhã, demos entrada em um outro, mais adequado à nossa condição. O táxi fez o trajecto em menos de dez minutos. Este era também no centro da cidade. Vem o porteiro que nos conduziu ao escritório onde fizemos a inscrição. Só os diplomatas escapam. O comum dos mortais deixam por lá o nome e filiação e terra natal e sinais particulares—e muito dinheiro.

Coubemos o quarto 88: no deradeiro piso do edifício. O Júlio, aqui, não teve nada de que se admirar; tudo igual aquilo a que andamos afeitos. Dispuzemos as coisas. Entramos na casa de banho a proceder às abluções e daí a nada eramos avisados que tez is on. Era hora do chá. O chá das onze, que faz de aperitivo à refeição do meio dia. Sentado cada um em sua poltrona, na sala de estar, eis que se aproxima um criado, mãos ocupadas com um tabuleiro, aonde era o chá, aromático e sem açúcar. Júlio foi o primeiro. Sorveu e fez uma cara feia! Ao lado sentim-se hospedes permanentes, senhoras, na maior parte, que preferem o hotel às canseiras domésticas. Elas notaram, compreenderam e oferecem as suas reservas. Uma outra senhora também das suas reservas, põe à nossa disposição bolachas finíssimas. Boa companhia. Hotel bem escolhido.

Na sala, há duas portas e dão para uma espaçosa varanda. Em baixo é um mundo de tráfego. Junta-se ali o Oriente e o Ocidente. A presença de milhares de negros, cruzando-se, dizem-nos que estamos no coração do continente africano. Só eles nos dizem isso, quanto ao mais, ali é Europa.

Vem o meio dia e trinta. Um preto de cabaia e tita verde, abre a

Crónicas de África

porta de dois panos que diz para a sala de jantar. Em cima, nos corredores, um outro criado anuncia, em notas de música que o almoço vai ser. Nós entramos após outros. A seguir mais. Dentro em breve a sala era cheia. Coubemos uma mesa precisamente de dois lugares, a um canto. Tudo à feição; sós e arrumadinhos a um canto. Toalhas, loiças, talheres,—tudo imaculado. A ementa, numa só língua, convidava-nos a escolher Peço sopa. Era inverno. O criado serve. Júlio torna a fazer uma cara muito feia. Não tinha sal! Aproveitou-se a ocasião para recordar às vezes que em Paço de Sousa nos aparece na mesa caldo sem sal e às vezes até sem adubo! Recordamos nomes e datas e conseqüências e assim gozamos uns doces momentos a falar de Portugal. Mas isto não era remédio. A sopa estava ali no prato e Júlio não lhe entrava. Foi então que eu puxei dos meus antigos conhecimentos e disse-lhe que o sal e a pimenta e a mostarda e o regimento de molhos, estavam ali sobre a mesa, à disposição e gosto de cada um. E para o livrar de futuras caras feias, fui-lhe comunicando que não esperasse por comer arroz nem macarrão. Que nunca havia de ser azeite; e quanto a pão, nada lhe disse, mas disse ele, no decurso da refeição.

Comemos a sopa, com sal ao nosso gosto, tirado dum saleiro de prata. A seguir, peço peixe. Havia-o preparado de muitas maneiras, qual delas a mais inédito. Pedi uma, aonde o dito tivesse volume e sabor. Júlio gostou. Findo isto, pedi carne. Carneiro, que é abundante e delicioso, dos farreros rebanhos da África do Sul.

Com o prato de carne, vem o indispensável acompanhamento de vegetais. Tudo muito bem. Júlio mastiga, mas vai olhando em roda e faz um ponto de interrogação. Era o pão. Nesta altura, e ainda não havia pão na mesa! Ora isto é contra o uso e costume de todo o hotel e tasca da nossa terra. Primeiro o pãozinho. E se os criados não se mexem com o resto, têm que ir buscar mais e mais. Nós somos assim. Júlio, particularmente, porque alentejano. Não havia pão na mesa. Aceno ao nosso criado. Ele já vem com duas fatias dele, torradas e transparentes, postas entre barras de prata. Só duas! Júlio quer saber se fica mal pedir mais. Eu aponto-lhe as mesas em redor. Ninguém queria mais. Não é racionalismo; é hábito. Nas cidades sul africanas, o inglês ainda é cem por cento nos usos e nos costumes. Tanto vale a política como nada. Eles estão e pesam.

Tinhamos acabado o principal. Agora temos o acidental—a sobremesa. A ementa é eloquente; fala de coisas

(CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA)

CARTAS

Pedi ao Júlio 75% de espaço do presente número de *O Gaiato*, para o enriquecer com esta sorte de colaboração. Aqui vai uma:

«Desculpe o só hoje vir fazer a minha desobriga, mas motivos imperiosos e alheios à minha vontade a isso me obrigaram.

Assim, junto encontrará 500\$ que são o produto do aumento de ordenado do meu casal.

Eu e minha mulher somos funcionários públicos, nessa qualidade fizemos há cerca de 4 anos concurso para a categoria imediata, mas, não obstante a aplicação e interesse pelo lugar desempenhado, só há 1 ano obtivemos a promoção, pois segundo diziam, o erário da Nação não permitia promoções, daí o ter demorado até esta data a satisfação da promessa, pois sendo exígua os ordenados de todos os funcionários públicos, acresce ainda que não temos qualquer assistência médica, e até, quando se trata de casal funcionário, os filhos não têm direito a abono de família. Ora, como tivesse também de operar de urgência meu filho de 3 anos, com o que gastei cerca de 4.000\$00, tive de me empenhar, pois não tinha tal importância. Porém, com a ajuda de Deus, hoje tenho tudo pago e já posso enviar as nossas promessas, aí vai pois os 500\$00, pedindo desculpa e a Deus saúde para que possa, como até aqui, olhar pelos nossos irmãos pobres.»

Amor conjugal, equívoco, sobriedade, paz.

Aqui vai outra:

«Aqui vai o pagamento do Barredo com pena de não poder mandar mais mas já este me custa; li-o com o coração, às vezes chorei e houve noites em que acordei a pensar no que tinha lido como se lá estivesse. Nem fazem ideia o bem que me tem feito «O Gaiato» como exame de consciência e amor ao pobre, ao mesmo tempo que me tem desapegado de tanta futilidade. Não pare um segundo de falar a tempo e todos os que o seguem, nunca se caem que isto é a ressurreição da nossa terra.»

Preciosos ouvintes! A palavra ficalhes e desprezível-se de futilidades. E fazem bem. Fútil, inútil são do meu ventre.

Mais outra:

«Nesta época todos os que somos cristãos estamos de tal forma unidos pela caridade de Cristo que somos levados a descobrir nela todo o sentido do nosso viver.

Venho com a minha pequena parte entrar no Natal dos nossos rapazes, embora eu tenha a certeza que o que vale está incluído no quinhão divino.

Impressionou-me o que o Pai Américo conta daquele coração feminino, quando da sua passagem por África. Também cá a vida é muito dura.

Contra mim falo, mas a mulher cristã terá de sair do seu egoísmo e futilidade e reagir. Deus permita que o seu natal venha despertar a nossa vocação de maternidade à luz da puríssima maternidade de Maria, com aquele sentido profundo de doação e sacrifício, em que nos damos sem nos diminuirmos.

De resto está na mão da mulher cristã cicatrizar as feridas feitas nas almas cândidas das crianças.

Se ao menos soubessemos guardar a palavra do Mestre à Samaritana:

«Se tu soubesses quem te pede de beber, certamente lhe pedirias e Ele te daria duma água viva.»

Quem diz melhor? Como se atrevem os cientistas a falar de uma possível destruição do Universo?! Então, meus senhores, esta Mulher não vale nada? Ela que tem na mão a força e está disposta a cicatrizar as feridas feitas nas almas cândidas das crianças. Por amor d'Ele, Deus salva o mundo!

Outra:

«Acabo de ler no «Gaiato» o seu artigo «Ecos do Congresso» e não calcula como me impressionou. Sou finalista de Medicina e sinto consigo a grande tragédia da criança doente, da criança infra-alimentada, da criança deformada, quase sempre pagando culpas daqueles que a geraram. E doí-me isso tudo.

Quando vejo crianças nas mesmas enfermarias de homens, assistindo com aquela curiosidade própria das crianças, a tratamentos de certos doentes, apetece-me fazer como V.—fugir. Mas não posso e fico.

Eu sou um grande pecador, mas, não obstante, alguma coisa de bom que existe em mim obriga-me a levar brinquedos e guloseimas a essas crianças, e fico bem pago pela alegria que noto nos seus olhos quando me vêm entrar na Enfermaria. Outro dia, um garoto quis que eu assistisse ao curativo, doloroso que o enfermeiro lhe ia fazer.

A Criança merece todos os sacrifícios que façamos por ela, por isso lhe peço que continue a campanha no seu jornal para que se construam hospitais para crianças, onde haja «muitas flores e muitos brinquedos», para que se olhe pela alimentação das grávidas, para que se dê a todos os recém-nascidos pobres a assistência de que necessitem. E os médicos que façam também barulho e... que alarguem os cordões à bolsa, aqueles que podem.

Eu não sou ainda médico e sou pobre mas quero já contribuir com 20\$00.

Peça a Deus por este pobre pecador, para que eu O não ofenda mais.»

Falam os Novos. É deles que esperamos. Neles confiamos. Não fuja, fique

A penúltima:

«Junto enviamos a quantia de mil cento e cinquenta e dois escudos e cinquenta centavos, (1.152\$50), e 1 fotografia do cofre existente na Sala dos Sargentos do Regimento de Cavalaria n.º 7.

É pouco, mas é fruto da muita simpatia e compreensão pela OBRA da RUA, que em tão boa hora empreendeu.

Ficou regulamentado, quando da inauguração do cofre na Sala, que no Natal de cada ano, o cofre seria aberto, e as importâncias nele contidas, enviadas para a Casa do Gaiato.

Este ano assim se fez, e era nosso gosto conseguir 12 contos, para uma casinha do Património dos Pobres, mas não nos foi possível.

Talvez que a exemplo da nossa SALA, outras, dos vários Regimentos do País, construam também os seus cofres, e então teríamos os BONS SARGENTOS deste GLORIOSO EXÉRCITO PORTUGUÊS, ligados pelo seu sacrifício à OBRA DA RUA.»

Estes são os homens que dão a carne e sangue. Não há comarca aonde eles não tenham um Monumento! Os Mortos! Eles tiveram pena que a Caixa, este ano, não desse os 12 contos, — era nosso gosto. E esperam que os vários Regimentos do País se liguem pe-

lo seu sacrifício à Obra da Ruz. O Exército Glorioso!

Em resposta, sem os conhecer, mandei um abraço cordal a cada um. Eu gosto de ser amado. Eu gostava que a nossa guerra não usasse senão balas desta marca. Em lugar de canhões, corações. Ninguém acredita que as guerras não tenham de ser sempre. É da história. Elas são o fruto natural da ambição do homem. Mas a d'hoje não. Esta que envolve o universo, não senhor. Trata-se de doutrina social. É o palacete mai-la cortelha. Os Sargentos sabem-no.

Nós podíamos adiantar léguas no caminho da paz, sem armas, no dia em que tivéssemos no mundo o palacete para o rico, a casa para o pobre e a cortelha prós animais. Era a Ordem. Era a Paz.

A última:

«Já há muito que ando para lhe escrever mas os dias passam nesta confusão do mundo e só hoje o momento amigo chegou. Há sempre um momento mais amigo na nossa vida, e escrever lhe Pai Américo é bom.

Queria falar-lhe de mim ou melhor da minha inquietação, mas pensando na sua grande Obra, a gente sente-se mais humilde e creio que já não o farei. Que valho eu, a minha vaidade, se há tanto na vida em que reparar? E contudo creio que falando de mim seria falar de esperança e a dúvida, seria pedir Jesus—a paz, para todos.

Eu gostaria que cada lar recebesse um jornal dos vossos, que cada pessoa o lesse e meditasse na realidade profunda de toda a vossa doutrina, que não é mais, como diz, do que a de Jesus.

Sempre que o leio me sinto mais forte e a vida se enche dum significado novo — semear para a Eternidade.

—Porque não hão-de os homens ser melhores, mais ricos da Graça do Senhor, porque vivemos nós Pai Américo tão agarrados à Terra, tão preocupados com o dia de amanhã e os possíveis fracassos, se tudo vem por si, se tudo pertence a Deus? — É isso Pai Américo, todos nos cansamos inutilmente, sem adivinharmos que o Bem está mais perto do que julgamos e que perdemos porque não nos guardamos um pouco mais a meditar.

E afinal porque não lhe falar, Pai Américo, de mim, se há tanto escondido cá dentro para se revelar? Se há tanto que pode ser aproveitado na obra do Senhor?

AS vezes sinto uma força tão grande em mim, mas depois o mundo vem e sinto-me fraco e inútil. E tenho tanta pena de ser tão inútil, de não saber bem como distribuir os dons que Deus me deu, a minha sede de perfeição, a minha angústia pela miséria do mundo o meu desejo infinito de paz e amizade entre todos os homens.

De não saber descansar mais em Deus, porque ter Deus seria ter descanso.

Pai Américo, se me deixasse escrever mais vezes, talvez eu pudesse compreender melhor as verdades Eternas, porque a luz vem de quem tem a Luz, e o Pai Américo tem-na do Céu; e talvez eu pudesse receber um pouco dela, para fortalecer a minha Fé, a minha Confiança, a minha Paciência e a minha Humildade, sobretudo isto, minha Humildade, Paciência para saber esperar e Humildade para tudo aceitar. Perdoe-me, mas as suas palavras são Verdade, e a Verdade é Deus.

Ensine-me Pai Américo, ensi-

ne-me um pouco da sua Humildade e da sua Paciência.

Alguém que cada dia deseja ser melhor, e agradece a Deus tê-lo inspirado para o Bem de todos nós. Pede a sua Bênção humildemente.»

Maria

Porque não publicar tal qual? Para quem amputar, se a luz vem de quem tem a luz e esta, no caso presente vem do céu! Quem diz para aí que o Universo vai ser esmagado—quem? No dia em que estas forças se desintegrem; (há tanto escondido cá dentro para se revelar) nesse dia, nesse tempo é A União—às avessas do mundo físico.

AO TELEFONE

Era dia de Ano-Novo. Tinha acabado de tomar o meu café, quando alguém me anuncia que estavam chamando ao telefone: «é um senhor da Beira. Enquanto me dirijo acima, vou cogitando quem será que da Beira me quer falar. Beira nossa; alta ou baixa, breve ia saber. A primeira coisa, foi enxotar a tropa da sala fundeira, para garantir silêncio e agora, tomo o auscultador. A primeira voz é da empregada dos C. T. T., olhe que falam de Moçambique! Estavam dois oceanos à minha frente; era a Beira tropical. E' o Padre Américo que está aí a falar? Mas é mesmo ele? Eu fiquei naturalmente desorientado. Nunca na minha vida houve de usar telefone para tal distância, tendo à disposição, em casos urgentes, o serviço dos telégrafos. Daqui fala o Magalhães Costa. Passou por mim um arrepiado. Abriram-se feridas mal cicatrizadas. Vejo a cidade da Beira da varanda do Savoy, aonde fora hóspede de honra. As ruas cheias de gente e de sol. As dádivas. As palavras de saudades. Os corações. E dois grandes oceanos de permissão. Mas é mesmo ele?

Sim. Era. Por me chegar aos ouvidos um nadita abafada, uma voz longínqua, levando a minha, como que a vencer distâncias. Sim. Sou eu. E aí? É fulano? E os mais? E tudo? Era bem eu a querer estar e abraçar. Pelas horas de cá, eram lá onze. Ontem tinha acabado o ano... Hoje, muitos se levantaram com a boca a saber a fundo de gaiola e muitos estavam ainda na cama... É na Beira. É África. Tudo isto atravessa o meu ser enquanto me inteiro, é você mesmo o Magalhães? Era ele mesmo. Era a Beira toda. Quando de lá saímos, juntaram e deram-nos cheques no valor de 250 contos. Depois disso, mandaram 87 ditos. E hoje avisa um novo cheque! Mas isto que é? Não é verdade que longe da vista longe do coração?! Eu sou porventura do sangue do Magalhães Costa? Tenho eu interesses na Beira? Valho ou presto ali para alguma coisa? E contudo Manica e Sofala arde. Não é fumaça; são labaredas que chegam até aqui: é mesmo o Padre Américo?

Vale bem a pena pregar a Vida Eterna aos que dizem não acreditar, e até por isso mesmo!

Agora

Eram dez horas, quando hoje apareceu aqui na aldeia e subiu aonde eu estava, um senhor acompanhado de sua esposa e sobrinha. Trazia uma incumbencia. Era de um anónimo a carta que me entrega. Ele também deseja fazer algo e ao desobrigar-se do recado, desobriga-se. Doze contos deste e mil escudos seus. Vão aqui. É o guião. Os senhores arrumem-se. Deixem ir quem vai. Imediatamente a seguir, passam figuras do nosso Império, residentes no Ultramar. O primeiro grupo é de Memba. Memba fica a iassa. Dan-tes aquilo era de ninguém... Hoje não senhor. São 3.000 escudos de uma subscrição. Os senhores arrumem-se. Mais outra arrumadela, agora por largo. Vai passar o senhor padre Manuel pároco da freguesia de Nampula, com os elementos efectivos e simpatizantes da Acção Católica e levam um ramo de notas do Banco Ultramarino, no valor de 19 contos.

Tanto mais para admirar quanto é certo ser coisa raríssima a presença de sacerdotes nesta procissão. Continuamos hoje em grande estilo. É uma enchente. Logo atrás do Padre Manuel e membros da Acção Católica, enfileira a Associação de Futebol de Nampula com outro ramo de quatro contos e quê, disputados no seu campo de desportos. Mas isto é simplesmente admirável. Nampula! A Moça! Quando estivemos na Ilha de Moçambique era tudo combinado para dar ali um salto, mas naquela altura da viagem, eu já nem sequer piava! Não fui. Nampula! Nacala Quem vence, quem domina, quem orienta estas forças naturais?! A Mãe mora tão distantes! Temos hoje uma bela procissão cheia de factos e ideias. Um panorama. Eu não queria incomodar os senhores mas é tal o aperto, que de novo volto a pedir mais largueza. Vai aqui um grupo de 18 portugueses residentes no Congo Belga. Um nosso amigo senhor Carreira, do Hotel Leopoldo II, em Coquilhat ville, arranjou 18.270 francos, que produziram 10 contos e quê e agora fazem aqui um vistão.

Sim senhor. Tudo portugueses. Tanto faz Congo Belga como terras nossas, é tudo África de portugueses. Já não era nada mau que a procissão ficasse por aqui, mas não. Os de Angoche também querem comparecer e cá vão no seu lugar com quinze contos. Sim senhor. Teremos Casa de Angoche assim como Casa de Nampula. Já havia por aí muita coisa chamada Portugal em África, porém o contrário é que não. É agora. África em Portugal; oh rica procissão! Depois o nosso grande amigo Albertino do Dundo. Dundo é na costa ocidental. Os empregados da Companhia dos Diamantes tornam aqui com 3.500\$ depois de terem já estado com uma casa inteira. Os Directores estão à mesa. Vem mais tarde. Agora vai aqui mesmo um professor primário de Ermezinde com 40 escudos do meu primeiro ordenado. Como é possível um tão pequeno divisor dar um tamanho dividendo—como? Só por um milagre de amor! E que vem a ser esta procissão mais que esse milagre? Não era bem aqui o lugar, pelo que atrancam, mas já agora os senhores queiram dar um jeitinho e deixem passar estas 6 camadas de Avanca. São para outras tantas casas.

Juntinhos, muito juntinhos, vão mãe e filho; este com 100\$ do seu ordenado e aquela com 40\$ da mesma sorte. Ainda que não fosse o sangue isto bastava para os unir. Agora é uma epopeia que vai passar. Silêncio! São trinta e cinco funcioná-

rios da Caixa Geral de Depósitos com 167\$50—não obstante os nossos exíguos vencimentos, remexendo o coto dos bolsos, alguns já com o fundo roto, encontraram, a muito custo algumas migalhas para o Património. Só 4 deles chegaram aos dez escudos; os mais, tudo dá para baixo. São do Porto.

A carta destes trinta e cinco, mais que um simples juízo, é uma condenação. Uma terrível condenação aos Opulentos. Os nossos exíguos vencimentos encontram algo para dividir com os que têm menos. Com os que não têm nada. Os por tantas formas e títulos sangrados, ainda sangram! ...encontraram a muito custo algumas migalhas. Mas isto é simplesmente a condenação. Eu não digo nada. O Gaiato, o Desordeiro, como alguns lhe chamam, não afirma nada. São os Profetas. Os Evangelistas. Os Padres da Igreja. Eles é que pregam; e que pregam!

A Chenop torna com uma data de migalhas e com elas vai o Pessoal erguer uma casa. Canas de Senhorim leva 100\$.

Temos de recolher. São horas. É

(CONTINUA NA PÁGINA QUATRO)

Notícia de RECEPÇÃO

Por este meio se anuncia e se agradece tudo quanto nos veio aqui parar, nesta quadra do Natal 52/53. Por cheques. Por vales. Na mão. Por recado. Valores declarados. Roupas, mercearia, doces, vinhos finos, ditos e puros. Brinquedos, guloseimas, aves, cães. As coisas mais espantosas por espantosas encomendas de S. Gregório à Ponta de Sagres. Os anónimos no Banco. Os quadrantes das viúvas.

As mesmas coisas do Rio de Janeiro e de S. Paulo, da América do Norte. As mesmas, ainda, da Ilha da Madeira, Açores, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé, Angola e Moçambique; e destas duas é que tem sido e está sendo!!! Se não as mesmas, também muito do Congo Belga. A quadra do Natal no Espelho da Moda, não se descreve! Também no Lar do Porto atinaram com a porta...

Ora de tudo e por tudo dá-se aqui conhecimento e regista-se o nosso reconhecimento. Os senhores não estranhem que eu não tenha enviado o cartão; não temos Secretaria. Tão pouco temam que algo se haja extraviado. Não. Impossível. O número da nossa porta é conhecido. Há dias recebeu-se aqui uma carta do interior do Congo Belga a dizer assim. Gaiato. Portugal.

E para fechar, declaramos que foi de 527 contos a soma recebida nestes dias de festa. E ainda continuamos a lavar os cestos...

Bendito Seja o Senhor Deus de Israel.

Isto é a Casa do Gaiato

*** Ilustramos hoje esta coluna com dois famosos vendedores do Famoso;—o cessante e o sucessor.

Como das grandes figuras, estes dois, que o são, vamos dar à estampa os seus feitos e biografias. Tome-se em primeiro lugar o cessante, Abel Braga. Nascido no Porto, dum lar desfeito, ele vê-se sozinho com seu avô, que pouco pode, pela sua idade. Anda a pedir. Por vezes deu entrada nos calaboiços, uma das últimas às ordens do Cara Lavada, que era de giro no Bolhão, naquele dia e hora. Maus tratos más horas, maus bocados, tudo o Abel conheceu. Seu avô, cada vez mais alquebrado, lembra-se ir entregar o neto aos cuidados do padrinho que morava para os lados de Gaiato; e com ele pela mão, segue. Não foi bem sucedido. Regressou. Avô magoado. Neto, ignorante das coisas da vida, toma a viagem por um passeio. A meio da ponte, avô faz menção de quem se quer deitar de ela abaixo. O pequenino acode. Segura-lhe as pernas. Grita. Aparece gente. Era a fome! Um tarco ali perto dá-lhes de comer. Abel desmaia. Enquanto seu avô é levado a casa, mãos piedosas conduzem ao hospital o desmaiado. Chega ali com 25\$00, de tostões que no trajeto lhe deram. Uma vez no "banco" e por graça, preparam-no para uma operação. O Abel foi sempre aliciente! Dias depois, avô e neto dão na Casa dos Pobres e a seguir, separam-se para sempre: Abel para a Casa do Gaiato e avô para a Eternidade!

Começa o Abel a ser um da turma dos vendedores, enquanto aprende ofício e faz exame. Ele era da escola da Rua... Foi ele que me ensinou que é possível e muitos escondem nos sapatos dinheiro furtado. Aprendi dele. Mas não desanimei. Ele também não desanimou. E desde aquela hora de trevas até esta de luz, que foram 6 anos da sua vida, o hoje cessante vendedor de O Gaiato, entregou-me 106 mil escudos, agora jóias e mais preciosidades—das quais preciosidades ele foi sempre a maior. Mesmo quando negava e escondia dinheiro no calcanhar... Assim se fazem homens para servir!

O sucessor é o Manuel Henrique (Hélio) natural de S. dielos, Régua. É um filho da mãe. Eu não o queria receber quando mo apresentaram. Resisti tornei a resistir. Quando dou fé, o Manuel, então pequenino estava de joelhos a olhar-me sem



O Manuel Henrique

nada dizer. Era o silêncio. Eu tenho muito medo do silêncio! Nada mais perfurante. Nada mais cáustico. Nada

que nos cause mais temor. Uma testemunha de acusação ajoelhada a meus pés e silenciosa! Oh condenação!



O Abel Braga

Manuel Henrique é hoje o da Camisola Amarela enquanto faz o seu exame e trabalha na tipografia. É um brilhante a cortar os corações. Mal chega da venda vem ao pé de mim e também corta o meu, ao dizer-me: venha mais nós ver como os senhores nos amam!

E pensar a gente que ainda há hoje milhares e milhares e milhares de rapazes sem família, condenados à inercia do casarão, custando os olhos da cara ao Tesouro Público!

Venda em Agueda

Amigos leitores como eu ainda não dei as Boas Festas venho por esta pequena crónica desejar-lhes um Novo Ano feliz. Cá estou eu a falar uma vez mais e que não é muito, na vila de Agueda. A primeira vez que lá fui vendi 34 mas agora sabem os leitores quantos se lá vendem? Nem mais, nem menos, são 70. Mas espero vender mais. Pelo menos 100. Eu gosto muito de ir a Agueda por isto: chego está a Missa a acabar; nessa vendo 4 jornais do Famoso, depois vem o sr. Padre Vidal e vem comigo levar o Famoso àqueles jovens a quem ele bem decerto lhes ensinou quem era Deus e que também lhes ensinou o que era o nosso jornal. É de admirar. Mas é que ainda não é só isso. Ele que é o sr. Padre Vidal ainda anda arranjar para que o nosso Pai Américo lá vá com o orfeão que é o melhor que eu conheço em Portugal. Eu de Agueda só tenho a dizer bem. Tem lá o sr. Bastos que é um polícia de trânsito, que me arranja sempre a vir num carro particular. Há também a sr.ª D. Maria Aguiar que é onde eu vou comer, o dono do cinema e por último a toda a Vila de Agueda os meus mais respeitosos agradecimentos. O gente de Agueda eu quero chegar aos 100!

Manuel Figueiredo (Risonho)

EM DISTRIBUIÇÃO

«O BARREDO»

Pedidos à Editora - Tipografia de «O Gaiato»

PAÇO DE SOUSA

Da que nós necessitamos



Aqui, LISBOA!

Mais 50\$ de Setúbal. Mais 100\$. Mais 50\$. Mais idem. Mais 20\$. Mais 100\$. As coisas e as importâncias que todas as semanas retiramos do Espelho da Moda, não cabem aqui, de tantas! Há de necessariamente existir uma razão pela qual, entre tantas casas, em tantas ruas, esta foi a designada para ser o depósito! O Chefe do Lar do Porto, entrega regularmente tudo que não ali entregam. Mais nove contos e quê do L bito. Alguém daquela cidade, esperando que ali tivesse ido, desatou a pedir migalhas; e como nós não fomos, vai ela e manda. Em paga, mandou se-lhe Um Barredo. E a Beira? Sim; a Beira que o Indico banha. Aquela cidade de Manica e Sofala que tanto se comoveu quando por ali passamos. Os senhores sabem o que acaba de acontecer? Além do muitíssimo que deu, então, dá agora mais 87 contos! E se ficássemos por aqui já era de espantar, —mas a terra abriu-se e treme, as convulsões seguem-se e as vítimas não de ser mais. De alguém, igures, seis contos. Mais uma remessa de 60 cobertores. Mais cinco peças, pano Vampiro. Mais tecidos para roupas de rapazes. Que bom!

O Hélio veio me aqui dizer que peça um avião, para irmos aos Açores e Angola e Moçambique ver os nossos, mas eu não. Contento me com umas garrafas de azeite fino, para a lâmpada da nossa casa, que o da venda não dá para a noite. De manhã, encontro a candeia amarelecida e fico triste! Podem deixar nos Clérigos. E já agora, em vez do avião, podiam os senhores mandar-nos pano para lençóis e toalhas de rosto. Estamos muito precisados. Cá esperamos: azeite, pano para lençóis e toalhas de rosto.

Mais 50\$ de Enxertos. Mais 100\$ no Banco. Mais 100\$ de Setúbal. Metade da Murtosa. Outro tanto do Porto para o Barredo. O mesmo da Covilhã. Dois contos de Aveira. Três contos do Rio. Cinco de Lisboa. De Espinho 150\$, uma promessa. Do Sindicato dos Tecelões de Braga 300\$. De Cabeço de Vide 3 sacos de grão de bico; a minha pequena oferta, é arrancada da terra. Mais de Lisboa 1.500\$. De Varge 30 litros de azeite. Mais 20\$. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 600\$ por uma de Alfaiate. Mais roupas e dinheiro de Barcelos. De Trancoso. 50\$ de hum promessa. Mais idem de algures. Mais de Tomar 50\$. Mais idem de Ismenia. Mais mil das Caldas da Saúde. Mais brinquedos da Majora. Oh riqueza! Mais 200\$ do Barredo. Mais metade da Marinha das Ondas. Outro tanto de uma mãe. Metade de Cantanhede. O mesmo de Lisboa. Idem do Porto. Funcionários da Caixa Sindical Textil do Porto 650\$. Mais 180\$. Mais 50\$ e um sobretudo usado de um que vive do seu trabalho. Isto queima. Boas festas da Minucha, Maria e Zézit. Eles costumavam ir na procissão da Agora, porém, vej que se mudou. Melhor. Aqui vai menos gente. Mais 400\$ do Porto, de pneus usados. Mais 50\$ de uma promessa. Mais 100\$ da Senhora da Hora. Mais o Dr. Zéquinhas. Mais 200\$ que são da primeira venda que fiz na casa para onde me mudei. Isto é uma oração. Mais 500\$ do Pompílio. Mais mil de Cândido Dias. Mais 500\$ do Porto. Mais 50\$ idem. Mais uma peça de pano da Covilhã. E agora por Covilhã, para onde teria mudado um senhor que se lembrava

de nós todos os anos e em uma peça de pano grosso, de sobretudo; que é del? E outros? Nós estamos aqui. Nós não m damos. Nós se mos persistentes. Mais bacalhau da Gafanha e dito da Gafanha e dito do Porto. Mais 50\$ de Oliveira de Azemeis. Mais chaves para os pobres das casas do Património, de Santo Tirso. Mais 100\$ do Porto. Outro tanto de Lisboa. Os Funcionários Judiciais de Castro Daire, em número de nove, estão aqui com 205\$. Mais 20\$ de Soutelo. Mais 250\$ de Vila Pe y África. Mais 500\$ de Tomar. Mais 100\$ de Vizeu, conferências. Mais 5 contos do Porto. Mais 6 contos do Porto. Mais mil de Lisboa; escudos, não, contos. Quem quizer mil contos tem de ir a Lourenço Marques. Mais da Caixa dos 40 Amigos e Colegas, Águas e Saneamento do Porto, 181\$50. Mais 600\$ de António Enes, África. Gondomar 30\$. Metade idem. Outra vez o Porto com 200\$ para o Barredo e conferências. Mais 1.050\$ de Sá da Bandeira, África, do abono de família de três filhos. Mais de Lisboa 100\$ da Mocidade Portuguesa. Mais subscrição do Lobito 1.500\$. Marinha das Ondas 50\$. Porto, do Grémio Industrial de Barbeiros 100\$. Mais de Valença 500\$ e 250\$. Mais o Estoril um continho e outra vez de lá 300\$. Outra vez África à vista: Aires Mouzinho manda um cheque de 1.800\$ para o Lobito, cuja quantia será junta, a seu tempo, a outras somas que por ali andam, e então teremos aqui uma fortuna. Ernesto Cordeiro mandou um y gessim; teve aproximação. Mil e quê e cudos. Mais Congo Belga 250\$. Mais 3 contos da Juventude Feminina de Lobito. Mais Lisboa 250\$ para os pobres do Barredo. Mais idem 150 deles. Mais da Murtosa 100\$ de uma promessa. E disse.

AGORA

Continuação da página anterior.

O Pessoal do Serviço de Via e Obras da Divisão de Exploração do Porto e Caminhos de Ferro da Beira quem vai fechar. Não cuidem os senhores que isto seja a Beira Alta. Não é alta nem baixa. É plana. É a Beira de Manica e Sofala, a qual tendo sangrado tanto e tanto na maré que ali estivemos, ainda continua e vai com uma dúzia deles! Estão aqui uns Miudos que também querem ir. Ateimam. Temes de os ajuar e dizer sim. Eles são de Lourenço Marques. É o «Notícias Infantil» que arma o barulho e a Pequeneda envia desta feita, para uma porta e uma janela, 2.590\$00.

Cada vez está chegando mais gente e nós temos que incorporar. Que extensa esta precissão. Olhem este guião de Sá da Bandeira. Chamam-se os crentes e os humildes de Huila e levam na mão 15 contos a passar. Pedem que se designe por Casa do Lubango, e assim vai ser. Vai o Porto com 100 telhas a dez tostões. Valença do Minho enfileira com 400\$. Freixedas leva o primeiro abono de minha filha, uma telha de 100\$. Os senhores tornem-se a arrumar; vai aqui uma oração com uma oferta para um pobre que já habita a sua casa. E logo ao pé vão Os catorze Irmãos com mais 6 contos. Lisboa leva 200\$00. A Lucinda do Porto leva 240\$00. Torres Novas aparece com 40\$00. Ora agora mais ao largo.

Só quem alguma vez se entregou total e permanentemente à salvação do Rapaz da rua, pode avaliar a variedade de estados de espírito por que se passa ao longo das vinte e quatro horas do dia. Há momentos de alegria, dor, desânimo, esperança, desolamento de impaciência e de ternura, que se repetem, se encideiam e entrecrocam constantemente. É preciso ser-se física e moralmente muito forte para resistir por muito tempo. Contamos apenas um caso; mas este caso repete-se cem vezes ao dia.

Era uma vez um Rapaz que andava por esse mundo. Nasceu num aqueduto numa noite de enxurrada. Não conheceu o pai. A mãe era uma triste infeliz com muitos filhos de muitos homens. Vida de lar, nunca conheceu o tru que não fosse a do aqueduto. Ninguém pode calcular o vácuo que fica na alma dum homem que nunca conheceu o duplo amor paterno, dentro das paredes duma casinha que fosse a sua...

Um dia bateu ali à porta e entrou. Difícil foi a adaptação à vida familiar. Constantemente caía no fosso que a ausência do amor, na sua infância, tinha cavado. Ia crescendo. Fez exame. Trabalhou no campo, depois numa oficina. Um bom senhor que com ele simpaticou, vestia-o e calçava-o. Arranjou pedúlio.

Um dia veio pedir o dinheiro porque queria voltar para a terra e governar-se por si. Era a tentação do enxurro. Partiu. A história do filho pródigo.

Ficou registada no Evangelho não só para conforto dos que um dia se arrependem, mas também, para alento dos pais que ficam a chorar com a única esperança: talvez ele volte!

Passaram-se meses. O Rapaz que sonhara com o carinhão de mãe e a protecção da sociedade, voltou desiludido. O lar ainda era o aqueduto; amigos só os que nesta Casa deixara.

Voltou estarrapada. Pediu perdão com lágrimas a quem-lhe quatro a quatro, pela cara abaixo.

—Acredite na sinceridade! No meu arrependimento. Deixe-me ficar. Fui malandro (palavras textuais) mas prometo ser melhor.

Muitas vezes ouvia ainda um Não seco, mas a insistência era para desarmar exercito quanto mais um pai.

—Ouça, ouça: se eu voltar a desgostá-lo, dê-me um pontapé e ponha-me na rua!

—Por tua boca te condenas. Vamos então experimentar a tua sinceridade.

Regressou ao campo, depois à oficina. A seguir deu-se-lhe um emprego em Lisboa. Ia e vinha todos os dias. Aguentou-se durante algum tempo, mas pelo aqueduto continuava a correr o enxurro. O fosso não estava ainda arrazado.

Passaram-se meses. Novo desequilíbrio, e o rapaz pega nas malas. Deixa o trabalho, entra-se em Lisboa.

Depressa se gastou o que amealhara. Depois, repete-se a história do filho pródigo. Conhece noites ao relento nos bancos dos jardins, colhaborios, a fome, a polhite.

Há dias ali estava de novo à porta, cabelo raspado, descalço, sujo, uniforme de cadastrado. Depe ter fugido d'algum alube...

Não se atreveu a entrar. Uma numerosa chusma de rapazes vem trazer-me a notícia: está ali!

—Digam-lhe que vou embora; não quis vê-lo nem ouvi-lo. Para desgostos, basta os que me deu.

—Mas ele vem magro e esfarrapado!

—Abram os olhos! Para vosso exemplo é que a Providência o trouxe aqui.

Isto foi no primeiro dia. Não entrou.

No segundo dia, como ele estava à porta e eu tinha de entrar e sair, sem querer, tinha que o ouvir.

—Perdoe-me que eu já estou muito castigado!

—Não tenho nada com isso!

Volto a passar.

—Eu sujeito-me a todos os castigos...

—É tarde!

—Confesso-me que estou arrependido.

—Há muitos Padres em Lisboa!

Vai passar muita gente. É o pessoal da filial do Porto do Banco S tto Mayor com um tabuleiro de migalhas — 887\$50. Outra vez um grupo com mais um tabuleiro; são os empregados de uma casa comercial do Porto. É o Porto! Proença a Nova também sai de casa com 20\$00. O Porto 50\$. A Costa do Sol resolveu vir até aqui com 2 contos. Lisboa torna com 500\$00; é uma pedra. Vai Alcena com 50\$00. Saibam todos que n tos esta lerem, que Alcanena, pároco à frente, anda construindo as suas casas para seus pobres. Por isso aqui se pede que não nos enviem dinheiro daquelas redondezas, mas sim entregar ao Pároco, que ele também sabe tocar pandeiro. Aquele, sabe, e toca. Louvemos por isso o Dono da Vinha.

Terceiro dia. Volto a passar. Iq, continua a clamar:

—O filho pródigo também foi perdendo...

—Mas só uma vez. Tu és raicidente.

—Tenha pena de mim!

—Tu não a tens.

Por fim já se não atrevia a pedir. Esperava que o seu estado inspirasse compaixão. Na verdade era um do d'alma vê-lo. Estava no fim do terceiro dia.

De novo os rapazes vieram interceder por ele.

—Nada.

Foram ter com o Presidente da Junta — Nada. Veto o Pároco. Não foi ainda destal! Era preciso que ele sentisse bem o mal feito e eu tinha de convencer-me de que a sua presença não era um perigo para os cem que estavam em casa. As velhinhas choravam. A nossa santa, não comia pão ao café para lho dar.

No quarto dia, logo de manhã, no fim da missa, uma velhinha pobre, da Conferência, pede para eu a atender. Embrulhada no chaile, a tremmer, começa assim:

—Desculpe que eu não sei o que digo, mas tenho que desabafar: perdoe àquele infeliz que está ali à porta.

—Se ele merecesse...

—Eu fui mãe de muitos filhos. Sofria muito quando algum fugia por maus caminhos, mas ficava tão contente quando, mesmo miseráveis eles se humilavam... Era bom sinal...

—?

—Padre, lembre-se de Longuinhas que atravessou o peito do Senhor...

Esta mulher do povo venceu. Eu tinha na verdade o peito atravessado por várias vezes e há muito que sangrava pela sorte daquele infeliz, pedira de joelhos diante do altar, a luz indispensável para uma resolução prudente. Queria que Deus-lhe falasse. E falou pela voz do povo.

O rapaz entrou na casa que não ainda na comunidade. Foi uma explosão de alegria geral. Regressou ao campo, enxada na mão, vamos a ver se com ela consegue tapar o enxurro do aqueduto em que nasceu.

PADRE ADRIANO

Crónicas de África

(Continuação da primeira página)

e de maneiras. Escolhi doce e fruta, Júlio repontou. O doce não tinha açúcar; e deixou ficar. Acabamos. Agora, outra vez na sala de estar, Júlio recorda com saudades o dia que passamos no Carlton; aqui é que er!

Mas as coisas melhoraram na refeição seguinte. Foi o cas que não sei porque bulas, descobriu se no hotel que nós eramos portugueses. A notícia passou veloz entre os criados, em grande número e todos de raça negra. Aproximam-se. Um deles, uno os indicadores das mãos e declara que são assim os portugueses e os pretos. Os olhos de todos falam-nos. Quedam nrs salas e nos corredores. Não nos cor preendemos por palavras, mas eles são abundantes em gestos. Ora acontece que um dos criados de mesa é natural de Koomatiport, fronteira do nosso território. Sabe alguma coisa da nossa língua. Imediatamente o chefe de mesa nos muda para a zona d le, no extenso refeitório. Ao jantar daquele dia já o tivemos por criado. É ele mesmo quem escolhe. Ele quer que nós comamos tudo de tudo. Ele insiste: senhor, comer mais. Ser bom. Tem outro. Eu aproveito a minha nacionalidade e falho na miséria do pão, ao meio dia. Ele desaparece. Não traz fatias em grandes de prata. É um cacete de meio quilo! Júlio estrebucha. Mais. O chefe de mesa, por portugueses, entende vinho. São palavras quase sinónimas. Resultado. Aquele jantar e durante os dias que ali estive nos, era meia garrafa de vinho do Cabo da Boa Esperança, twelve years old. Outro resultado: Júlio muito contente! Pão e vinho. Já lhe parecia Portugal. E não me voltou a falar do Carlton Hotel.